



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
BACHARELADO EM LETRAS VERNÁCULAS

REBECA SILVA TELES

**UM ESTUDO SOBRE CONCEPTUALIZAÇÕES METAFÓRICAS DO CABELO DA MULHER
EM BLOGS**

Salvador
2019

REBECA SILVA TELES

**UM ESTUDO SOBRE CONCEPTUALIZAÇÕES METAFÓRICAS DO CABELO DA MULHER
EM BLOGS**

Monografia apresentada ao Curso de Letras Vernáculas da
Universidade Federal da Bahia como requisito para obtenção de
Bacharelado em Letras Vernáculas.

Orientadora: Professora Dra. A. Ariadne Domingues Almeida.

Salvador
2019

REBECA SILVA TELES

UM ESTUDO SOBRE CONCEPTUALIZAÇÕES METAFÓRICAS DO CABELO DA MULHER
EM BLOGS

Monografia apresentada ao Curso de Letras Vernáculas da Universidade Federal da Bahia como requisito para obtenção de Bacharelado em Letras Vernáculas.

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Aurelina Ariadne Domingues Almeida
(Orientadora)

Prof^ª. Evani Pereira Rodrigues

Prof^ª. Neila Maria O. Santana

Salvador
2019

Meus agradecimentos vão para todas as pessoas, amigos, familiares e professores que passaram pela minha vida, ao longo desses anos, e contribuíram direta ou indiretamente para que esse trabalho acontecesse, mas agradeço, especialmente, a mim mesma, porque só eu sei os esforços de sobreviver como mulher negra nesse país e nessa cidade. Embora quase sem esperança, muitas vezes, quando “engrossava”, tive que lembrar quem era a única pessoa que iria me socorrer e me salvar do lodaçal; eu mesma. É o caminho de todos nós. Somos nossa melhor fortaleza! Ninguém sabe melhor do que eu o quanto eu mereço estar aqui, apresentando este trabalho. Agradeço aos deuses do panteão africano e aos meus guias que, mesmo na minha loucura, me suportaram, me ampararam e me protegeram e não me deixaram sucumbir ou desistir.

Laroyê! Ogunhê!

Falar uma língua é assumir um mundo, uma cultura.

Frantz Fanon, 1952.

RESUMO

Esta monografia apresenta o desdobramento de um trabalho de pesquisa sobre conceptualizações do cabelo da mulher, do ponto de vista da Linguística Cognitiva e mostra os resultados encontrados que comprovam a existência de projeções entre os domínios-fontes SER VIVO e CONSTRUÇÃO ao domínio-alvo CABELO. Através do trabalho interpretativo dos comentários feitos por usuárias do creme de hidratação Morte Súbita em blogs, foi verificada a existência das conceptualizações conjecturadas como ideias iniciais deste trabalho, quais sejam: CABELO É SER VIVO e CABELO É CONSTRUÇÃO. A partir principalmente do modelo teórico da Metáfora Conceptual, desenvolvido por George Lakoff e Mark Johnson, em 1980, e de seus posteriores desdobramentos, como os apresentados em Lenz (2013), Valenzuela, Ibarretxe-Antuano, Hilferty, (2012), Almeida (2015, 2011), Soriano (2012) e Santos (2015) que foi feito o trabalho interpretativo do corpus, constituído por postagens de internautas em blogs especializados no tratamento do cabelo, mais especificamente, comentários sobre resenhas do uso da hidratação *Morte Súbita*, da marca Lola Cosmetics.

Palavras-chaves: Cabelo; Experiência; Mulher; Linguística Cognitiva; Conceptualizações Metafóricas.

ABSTRACT

This monograph is the development of a research work on the conceptualization of women's hair, from the point of view of Cognitive Linguistics and shows the results that prove the existence of projections between the BEING LIVE and CONSTRUCTION source domains to the HAIR target domain. Through the interpretative work of the comments made by users of the Sudden Death moisturizing cream on blogs, it was verified the existence of the conjectured conceptualizations as initial ideas of this work, namely: HAIR IS BEING LIVE and HAIR IS CONSTRUCTION. From the theoretical model of the Conceptual Metaphor, developed by George Lakoff and Mark Johnson in 1980, and its subsequent developments, as presented in Lenz (2013), Valenzuela, Ibarretxe-Antuano, Hilferty, (2012), Almeida (2015, 2011), Soriano (2012) e Santos (2015) interpretative work of the corpus, consisting of posts by internet users on blogs specializing in hair treatment, more specifically, comments on reviews of the use of *Morte Súbita* hydration, brand Lolla Cosmetics.

Keywords: Hair; Experience; Woman; Cognitive linguistics; Metaphorical Conceptualization.

.

SUMÁRIO

1 A DESCORBERTA DO PROBLEMA	
1.1 QUAL O SENTIDO DESSE ESTUDO?	
1.1.2 O PORQUÊ DA ESCOLHA DO CORPUS VIRTUAL	
1.2 METAS DE ESTUDO	
2 CAMINHOS DE INTERPRETAÇÃO DAS EXPRESSÕES METAFÓRICAS	
3 COMPREENSÃO DA TEORIA	
3.1 ESTUDOS SEMÂNTICOS: O INÍCIO	
3.2 A LINGUÍSTICA COGNITIVA	
3.3 A METÁFORA CONCEPTUAL	
4 O ESTUDO DO CORPUS	
PARA CONCLUIR...	
REFERÊNCIAS	
NOTAS	

1 A DESCOBERTA DO PROBLEMA

Ao longo da minha trajetória acadêmica, sempre, tive afinidade com estudos Linguísticos que procuram explicar o mundo através da linguagem. Tento compreender a existência, através do estudo do fenômeno da linguagem, entendendo-o como uma das maiores expressões idiossincráticas que os seres humanos realizam entre os seres vivos, já que vivemos as realidades atravessadas por abstrações, enfim, pela linguagem. Essas realidades simbólicas ou epistemológicas afetam toda a vida do ser humano e o modo de ver o mundo a sua volta.

Diante do leque de conceitos apresentados nas diversas teorias que tentam explicar a linguagem, a Linguística Cognitiva, doravante LC, parece-me ser um caminho plausível de explicação para a compreensão desse fenômeno, porque, através dela, podemos observar o fenômeno linguageiro, de modo a incluir, na reflexão sobre a linguagem, o falante/escrevente e o contexto de produção dos discursos proferidos ou escritos todos os dias, nas mais diferentes línguas e domínios discursivos.

Ao romper com o entendimento da cognição humana como um conjunto de sistemas autônomos, divididos em faculdades mentais, a LC abre espaço para a interdisciplinaridade, demonstrando que a linguagem é a “ponta de iceberg”, uma expressão superficial para um construto subjacente complexo de processos que compõem a nossa cognição como um todo, ou seja, a linguagem é uma janela para o entendimento da nossa cognição e ela, também, é, em si, uma manifestação da nossa cognição, composta por uma série de conhecimentos e mecanismos de conhecer o mundo que explicam como os seres humanos apreendem esse mesmo mundo que se encontra a sua volta.

Várias teorias têm ajudado a elaborar os conceitos, dentro da LC, para descreverem com mais precisão as estruturas de conhecimentos que integram a linguagem. A publicação de *Metaphors we live by*, em 1980, de George Lakoff e Mark Johnson, entre outras publicações ocorridas naquela década, inauguraram essa visão ampliada da linguagem, que congrega diferentes teorias, como a Teoria dos Protótipos, da psicóloga Eleanor Rosch (1973, 1975, 1978, apud, VALENZUELA, IBARRETXE-ANTUAÑO, HILFERTY, 2012), que desenvolve outra perspectiva para a categorização - fenômeno central de explicação para o

que é o significado - sem a rigidez das condições necessárias e suficientes para os elementos pertencerem a uma categoria semântica, ideia que remonta ao pensamento aristotélico. O entendimento da categorização como um fenômeno complexo, flexível e repleto de nuances, junto à Teoria da Metáfora Conceptual e da Metonímia, entre outras teorias, embasam as explicações para os fenômenos languageiros, enquanto eles mesmos se constituem também como explicações e descrições da própria cognição humana. Entre as propostas teóricas da LC, a Teoria da Metáfora Conceptual é a principal norteadora deste trabalho, para embasar as análises feitas sobre os comentários publicados em blogs especializados em tratamentos capilares. Tendo esse norte teórico, pode ser questionado: como o processo metafórico organiza os conhecimentos e a linguagem e interagem no entendimento do cabelo nessa circunstância de uso? Esta é a pergunta que pretendo responder, de acordo com um contexto específico atrelado à moda “desmaia cabelos”, em que os cabelos ficam “desmaiados”, isto é, “bem tratados”, sob efeito de um produto cosmético, que deixa os cabelos macios, hidratados, reconstruídos e nutridos.

Este trabalho apresenta o resultado da minha pesquisa sobre as conceptualizações feitas por mulheres sobre seus próprios cabelos, recolhidas em comentários das usuárias de uma hidratação para cabelos, chamada *Morte Súbita*. Os comentários deixados pelas internautas, nas resenhas críticas sobre o produto em blogs, guardam uma fonte importante de expressões metafóricas e de metáforas conceptuais tanto específicas, quanto mais gerais e metáforas, basicamente, estruturais. Segundo os pressupostos teóricos citados, que serão mais explorados adiante, apresentarei a confirmação ou refutação das hipóteses iniciais da existência das conceptualizações CABELO É SER VIVO; CABELO É COSTRUÇÃO, bem como outras conceptualizações metafóricas. Nesse trabalho, pretendo definir como esses domínios conceptuais se relacionam ao descrever as leituras de como ocorrem as projeções entre esses domínios, utilizando de conhecimentos interdisciplinares relacionados aos sentidos possíveis para as expressões metafóricas encontradas nos comentários on-line.

O meu estudo, portanto, se restringe, como já sinalizado, à conceptualização do cabelo da mulher, levando em consideração que qualquer um dos significados associados em domínios conceptuais estará para sempre em construção, enquanto houver falantes e escreventes da língua.

1.1 QUAL O SENTIDO DESSE ESTUDO?

Não é de estranhar que eu siga por uma investigação que envolva uma parte tão emblemática, como é o cabelo da mulher. A constante preocupação com o estado dos cabelos, desde tenra idade, o contato com as novidades para deixar o cabelo, sempre, dentro de um padrão branco, ou seja, um cabelo liso, levaram-me a observar, enquanto pesquisadora, algumas mudanças no linguajar utilizado por essas empresas para se referirem aos cabelos das mulheres, incluindo as mulheres de cabelos cacheados e crespos. Atualmente, é comum, nas prateleiras de lojas e em propagandas, produtos específicos para tratar de cabelos cacheados e crespos, não com o intuito de alisá-los, muito pelo contrário. Cremes e hidratações, em suas descrições de rótulos e em seus nomes, referem-se às suas usuárias como “rainhas” e aos seus cabelos como “coroa”. São cosméticos desenvolvidos para definir melhor os cachos, deixá-los macios e manter seu volume natural, enaltecendo a beleza dos cabelos das mulheres negras e mestiças que se tornaram um público-alvo deste mercado. Parece-me, numa análise mais superficial, empírica, que o “empoderamento” da mulher, inclusive, financeiro, influencia diretamente na forma como as usuárias de qualquer etnia e classe são tratadas por essas marcas de cosméticos, hoje em dia, apesar do racismo ser uma realidade latente em nossa sociedade, às vezes, bem explícito, mas, às vezes, bem camuflado.

A minha primeira suspeita, ao ter contato com esses materiais publicitários, através da internet, e, também, ao comprar o produto, era que poderia encontrar rastros de racismo, nas propagandas principalmente. Porém, o produto citado, neste trabalho, não é destinado aos cabelos crespos ou cacheados especificamente. *Morte Súbita*, certamente, sofreria algum rechaço, se tivesse esse nome e se relacionasse diretamente a “matar a secura, o frizz”, ou mesmo, “matar o volume” de cabelos cacheados ou crespos, visto que os olhos estão mais atentos aos pormenores da linguagem que guardam o racismo cultivado cultural e institucionalmente e os debates em torno das questões raciais têm estado, cada vez mais, em evidência e acirrados, em nossa sociedade.

1.1.2 O PORQUÊ DA ESCOLHA DO CORPUS VIRTUAL

Este trabalho pretende contribuir com reflexões em torno da LC, apresentando leituras possíveis para as expressões metafóricas encontradas em um contexto social muito específico, que é a internet. Nesse ambiente, encontramos uma linguagem em uso, atualizada de maneiras diversas aos da vida concreta, mesmo que sejam ambientes informais de manifestação do indivíduo e da linguagem. Uma das principais diferenças entre o chamado

“mundo virtual” e “mundo real” é a capacidade de criar toda uma narrativa sobre si mesmo, ou sobre o outro, ou sobre um produto que será lida por muitas pessoas, em qualquer lugar do mundo, e poderá ter uma abrangência inimaginável.

Os chamados “vídeos virais” ou fotos e comentários que “viralizam”, isto é, que têm um número altíssimo de visualizações e compartilhamentos nas redes sociais e em sites, criam toda uma cultura própria desse mundo algorítmico, com uma linguagem que, muitas vezes, tomam por referência acontecimentos somente do universo virtual, além de expressar, na própria grafia das palavras e nas escolhas lexicais, as diferenças que guardam esses gêneros textuais, ainda, pouco explorados, em relação a outros que, ainda, são fixados em suportes e formas de manifestação mais tradicionais, como é o caso dos textos acadêmicos, jornalísticos, depoimento policial, por exemplo, ou textos literários, como um romance.

Admitindo que o ciberespaço, hoje, constitui-se como um lugar de produção de discursos válidos para os estudos na LC, já que esse fazer científico privilegia a atuação dos falantes/escreventes na produção e no uso linguajeiro, como observa Almeida (2016), a hibridização entre os espaços virtuais e concreto cria ações e transformações, tanto dos agentes que querem vender o seu produto e, hoje, necessitam se propagar no ciberespaço, quanto de seus consumidores que buscam se “aconselhar” em relação à sua compra, nesse mesmo lugar.

Baseada em uma amostra da língua em uso, portanto, buscarei descrever, neste estudo, conceptualizações metafóricas sobre o cabelo da mulher em uma perspectiva de usuária, também, que compartilha de algumas daquelas experiências no espaço virtual e, enquanto falante e escrevente de uma língua e auxiliada pela leitura das teorias da LC, posso inferir e descrever os mecanismos que relacionam os domínios conceptuais e produzem o significado da expressão utilizada.

1.2 METAS DO ESTUDO

O objetivo mais geral desse trabalho é descrever e interpretar as conceptualizações metafóricas que emergem dos comentários postados nos blogs <https://jurovalendo.com.br>, <http://www.acordabonita.com> e www.epocacosmeticos.com.br, pelas usuárias da hidratação *Morte Súbita*, através de um trabalho interpretativo à luz da LC, como já foi mencionado. Uma pesquisa feita pelo site de buscas Google levou-me a essas páginas on-line, as quais apresentam conteúdo exclusivo sobre tratamentos de beleza, inclusive, para os cabelos. Optei por blogs que tivessem resenhas críticas sobre o creme de

cabelo *Morte Súbita* e também uma quantidade expressiva de comentários, o que demonstra certa popularidade dessas páginas. A consulta ao site oficial da marca - <https://lolacosmetics.com.br> - serviu para observar as descrições do produto que, de certa forma, também, compõem o imaginário das clientes, no momento de conceptualizar seus cabelos, entendendo que a finalidade do produto pode ter participação na motivação das escolhas das expressões utilizadas pelas consumidoras.

A seguir, apresento os seguintes objetivos específicos para desenvolver esse trabalho:

(i) Recolher as expressões metafóricas que atualizam as conceptualizações metafóricas do cabelo da mulher em comentários postados em blogs por usuárias da hidratação *Morte Súbita*;

(ii) Analisar as expressões recolhidas e verificar se há a existência das conceptualizações hipotéticas propostas no projeto de pesquisa, quais sejam: CABELO É SER VIVO e CABELO É CONSTRUÇÃO;

(iii) Levantar outras expressões metafóricas em que haja projeções entre outros domínios e analisá-las, também, sob a perspectiva da Teoria da Metáfora Conceptual;

(iv) Identificar e descrever como ocorrem as projeções entre os diferentes domínios conceptuais, caracterizando os processos metafóricos encontrados nos comentários.

2 CAMINHOS DE INTEPRETAÇÃO DAS EXPRESSÕES METAFÓRICAS

Como dito anteriormente, o primeiro recorte feito para definição do objeto de estudo deste trabalho partiu do meu uso da hidratação *Morte Súbita*, nome que chamou minha atenção e me fez pesquisar mais sobre a marca *Lola Cosmetics*, através do Google. Descobri que essa e outras marcas têm exemplos de processos metafóricos ao nomear seus produtos. Outra linha de cosméticos da *Lola*, por exemplo, chamada *Drama Queen*, revela, em seu nome e nas suas descrições disponíveis no site oficial da marca, várias conceptualizações que ativam domínios relacionados às emoções. O problema com o cabelo é visto como uma “crise”, um “estado crítico”, “uma situação dramática” que precisa ser remediada por outra entidade, no caso, a hidratação. Este produto, também, faz parte da fase de reconstrução do cabelo, o que reafirma a presença da ideia implícita de que, para certas situações dramáticas, é necessária uma mudança radical, a reconstrução.

Depois disso, em consonância com o aprendizado que tenho, compartilhando das ideias da LC, baseei meu corpus em blogs, por apresentarem uma amostra da linguagem em uso. Seleccionei os seguintes blogs: <https://jurovalendo.com.br>, <http://www.acordabonita.com> e www.epocacosmeticos.com.br.¹ Levei em consideração, no momento da escolha dos blogs, dois critérios: ter resenhas informativas e críticas sobre a hidratação *Morte Súbita*, relatando a experiência com o uso do creme e não somente a descrição do produto; que os textos desses blogs fossem bastante acessados, informação expressa pela quantidade de comentários publicados.

Feitas as escolhas, recolhi depoimentos de usuárias da hidratação *Morte Súbita*, que não tiveram sua identidade revelada, em nenhum momento do estudo. Na seção de estudo do corpus, foram transcritos os comentários das usuárias sem atualizações do uso monitorado da linguagem, devidamente identificados com numerais cardinais entre parênteses, à esquerda e em fonte 10 e, em itálico e sublinhado, foram destacadas as expressões metafóricas estudadas. Logo após, foi feita a apreciação sobre as expressões linguísticas encontradas, buscando interpretar e descrever as relações e projeções, entre os domínios, nas conceptualizações feitas, bem como especificar outras características relevantes para o entendimento do conceito CABELO.

Nessas apreciações, verifiquei se nas expressões metafóricas encontradas aparecem as conceptualizações conjecturadas inicialmente e propostas nesse trabalho – CABELO É SER VIVO; CABELO É CONSTRUÇÃO. Outras expressões que relacionam outros domínios conceituais que não SER VIVO ou CONSTRUÇÃO e emergem nos comentários foram, da mesma maneira, exploradas na pesquisa realizada. Observei, neste trabalho, comentários feitos entre 2016 e 2019, visando à atualidade das ocorrências, sobre os efeitos da hidratação *Morte Súbita* e suas qualidades, que conceptualizem o domínio-alvo, o CABELO, relacionando a outros domínios conceituais.

¹Apresentarei breves descrições sobre os blogs que serviram como uma das bases para meu estudo:

Acorda Bonita: a página é de Karina Viega e se propõe a mostrar um conteúdo diferenciado, através do uso monitorado do português, resenhas que demonstrem sua criticidade em relação aos cosméticos, pelos quais se diz “apaixonada”, como cremes, maquiagem e, também, dicas de moda e fotografia.

Juro Valendo: Ju Lopes e Simone Yoko são baianas e têm o blog como um espaço virtual democrático, para que todas as mulheres, de todas as idades, sintam-se bem. Com dicas de moda e beleza, mas de olho nos anseios de outras ordens que a mulherada tem, como realizar sonhos profissionais etc., este blog mereceu as páginas da revista Exame como um dos mais acessados, em 2017.

Época cosméticos: é uma loja virtual de cosméticos.

A principal teoria que norteou meu trabalho interpretativo sobre os dados foi, como já mencionado, a dos processos mentais de associações de conceitos, de Lakoff e Johnson (1980), segundo os quais, os significados na linguagem ocorrem a partir de processos cognitivos, como as metáforizações, que envolvem várias partes do conhecimento humano. Logo, as conceptualizações metafóricas, que propus hipoteticamente, nesse trabalho, surgiram a partir da leitura da teoria sobre metáfora conceptual, tal como proposta por Lakoff e Johnson, em 1980, e seus posteriores desdobramentos, como em Lenz (2013), Almeida (2015), Valenzuela, Ibarrtexe-Antuano (2012), Soriano (2012) e Santos (2015), como também anteriormente já indicado.

A seguir, teço algumas considerações sobre o aporte teórico que norteou o estudo sobre o corpus.

3 COMPREENSÃO DA TEORIA

A semântica, geralmente, é vista como uma parte periférica da linguística, capaz de explicar fenômenos da linguagem que estivessem ligados à pragmática e, também, dada a falta de consenso sobre o que é significado, objeto de estudo da semântica. Essa discordância representa uma dificuldade que linguistas, em suas teorias, preferiram ignorar ou torná-la secundária.

Como assevera Santos (2015), baseada em reflexões de Ulmann (1964) e Greimas (1966), o estudo em torno do significado deixa linguistas resabiados em inclui-lo em suas teorias, dada a dificuldade de definir o significado do significado. Para a LC, entretanto, essa falta de consenso em uma definição precisa pode ser proveitosa para a linguística e para os estudos semânticos (SANTOS, 2015).

Levando em consideração estas reflexões, a seguir, apresento um sucinto histórico sobre a semântica ao longo dos estudos linguísticos, revendo seu percurso enquanto área da linguística e busco demonstrar como e porque ela ganhou espaço central nos estudos cognitivistas.

3.1 ESTUDOS SEMÂNTICOS: O INÍCIO

Desde a Antiguidade que o significado é visto como algo que tem uma ligação direta com o mundo objetivo, uma ligação lógica com a chamada “realidade” que dividiam os gregos entre os que acreditavam que o signo era motivado e os que não. Contudo, centenas de anos depois, os aprendizes do sueco Ferdinand Saussure, a partir dos seus postulados, publicam o *Curso de Linguística Geral*, em 1916, cujo principal desdobramento é a teoria Estruturalista, o que transforma os estudos em torno da linguagem em uma ciência autônoma, que tem um objeto de estudo histórico, mas, sobretudo, sistemático e fechado. A linguagem é comparada a um jogo de xadrez, no qual o que define o uso das expressões linguísticas é a oposição que elas fazem umas às outras, através de diferenças fonológicas, morfológicas, sintagmáticas e, também, semânticas. Logo, a semântica estrutural vê o significado como fenômeno sistêmico atrelado ao jogo interno da língua, no qual o significado de uma expressão surge em oposição a outras opções presentes no sistema linguístico, sem que fatores externos impliquem nos usos.

Uma das principais ocorrências determinantes, para a definição dos significados das expressões, é a categorização. Esse é um dos fenômenos fundamentais, para a linguagem, pois é através dele que conseguimos organizar os estímulos e aprendizados que recebemos no mundo. O agrupamento dos elementos em categorias através de características similares atribuídas a esses componentes, como plantas e frutas comestíveis, por exemplo, são essenciais, porque facilita o armazenamento e a organização de informações, em nosso cérebro, que possui limitações de espaço e de atuação na apreensão do mundo. Assim, quando nos deparamos com uma fruta, por exemplo, podemos facilmente associá-las às informações adquiridas sobre essa categoria que estão armazenadas em nosso cérebro e através da aparência, do cheiro decidir consumi-la ou não. De um ponto de vista que remonta a Aristóteles, para determinado elemento do mundo fazer parte de uma categoria deve apresentar todas as características necessárias e somente elas serão suficientes para defini-lo como componente dessa categoria. Entretanto, se examinarmos todas as condições necessárias para ser AVE, por exemplo, animais como galinhas, que não voam, e pinguins, que não são cobertos por penas, não poderiam receber tal classificação, contudo pertencem a tal categoria. No mundo animal, isso, ainda, se repete em casos de mamíferos excêntricos, como é o caso das baleias e dos morcegos.

Segundo as pesquisas relacionadas à semântica estrutural, desenvolvidas por Katz e Fodor (1963 apud, FERRARI, 2011), a categorização é objetivista, como um reflexo direto do que ocorre no mundo. Assim, eles desenvolveram uma semântica baseada em traços

distintivos, na qual um elemento se distingue do outro semanticamente, por apresentar traços opostos, como função, característica etc. Por exemplo, as expressões QUARTO e SALA guardam alguns traços de semelhança, como o fato de serem ambas cômodos de uma casa e, normalmente, possuírem móveis, entretanto, em relação às suas funções, o quarto é muito mais específico, pois é um cômodo que, geralmente, aparece em lares, para uma finalidade muito específica que é o descanso, enquanto a expressão sala pode exercer diferentes funções e, além de se referir a uma sala doméstica, pode, também, se referir a vários tipos outros de sala, como sala de aula, sala de ensaios etc. Essas composições tornam polissêmica a expressão SALA, em que as locuções adjetivas introduzidas pela preposição *de-* fazem referências a traços distintivos quanto à função desse membro dentro da categoria que podemos denominar de COMPARTIMENTOS DE EDIFICAÇÕES.

Teorias formalistas, que sucederam à quebra da ligação da Linguística com a História, baseada em dicotomias, assim como a Lógica e a Filosofia, tentaram explicar o significado através da associação objetiva do mundo com a linguagem de maneira literal. A Semântica das condições de verdade é uma das teorias mais aceitas até hoje entre linguistas que seguem teorias formalistas. Nessa perspectiva, o significado só se dá no mundo exterior, pois a condição principal, para uma expressão adquirir significado, é se relacionar com a realidade de maneira objetiva, em que uma expressão ou é semelhante à outra, ou a nega ou, ainda, pode ser negada pela primeira. O modelo dessa análise semântica é herdeira da Lógica, da Escola de Viena.

Como exemplifica Lenz (2013), porém, expressões cotidianas, como “fim de semana”, que não se referem necessariamente aos dois últimos dias da semana, que seriam sexta-feira e sábado, mas sim ao último e ao primeiro dia da semana, que são sábado e domingo, respectivamente, é um bom exemplo de expressão que não “obedece” ao seu referente no mundo, pois este é relacionado a conceitos de ordem e tempo que são abstratos e não possuem um referente físico no mundo, ou seja, é impossível descrever o significado em conceitos estanques que não coloquem em diálogo diversos conhecimentos que possam dar conta de explicar o fenômeno da linguagem como um todo.

Essas afirmações demonstram que “compreendemos que falamos e/ou escrevemos sobre a visão que construímos do mundo e não propriamente o mundo, tal como dado independente de nós” (ALMEIDA; SANTOS 2019). Isto torna os significados posicionados no tempo e na cultura que são criados, mutantes no tempo tal qual a linguagem está em

constante movimento invisível de mudanças, o que se pode observar estudando a linguagem diacronicamente.

A percepção de incongruências nas explicações sobre o significado de maneira mais formal, objeto de estudo da Semântica Formalista, levou alguns linguistas da escola gerativa, insatisfeitos com as explicações ligadas à forma, a encontrarem, nos estudos cognitivistas, uma boa via de entendimento da linguagem e a buscarem explicações que dialogassem com outras disciplinas para explorar a cognição humana. A linguagem, como aparece em Valenzuela, Ibarretxe-Antuano e Hiferty (2012), é uma chave de compreensão do fenômeno da cognição, representando uma “janela” para o seu entendimento, a partir de diálogos com outras áreas do saber, como a Neurologia, a Psicologia, a Cultura, a História, a Antropologia, entre outras.

Em vista disso, na próxima seção, vamos acompanhar como os estudos da LC vêm se desenvolvendo, a partir de seus princípios básicos e de suas teorias, a fim de explicar como o estudo sobre o significado contribui para o entendimento da linguagem humana.

3.2 A LINGUÍSTICA COGNITIVA

Como já observei, a investigação sobre a linguagem é ferramenta essencial para entender a cognição humana e vice-versa. O reconhecimento da subjetividade enquanto elemento participante da linguagem representou uma virada nos estudos linguísticos, na década de 1970, com os estudos cognitivistas, contrapondo-se à visão gerativista, que entende a linguagem como faculdade autônoma, independente de outros conhecimentos e que privilegia o estudo da forma, da Sintaxe. A maneira de buscar explicações ligadas à forma traz uma objetividade que a linguagem, em seu uso cotidiano, não apresenta, já que, em nossa vida, nos comunicamos através de uma linguagem que envolve processos complexamente estruturados, atravessados por conhecimentos oriundos de diversas experiências que não só o conhecimento do conceito dicionarístico e formal.

Mesmo antes de entrarmos na escola, de termos contato com as associações feitas entre símbolos e seus significados, de maneira formal, através do aprendizado da gramática normativa e suas convenções, já estamos carregados de conhecimentos chamados enciclopédicos, até então vistos como parte de outro módulo do conhecimento, a Pragmática. Entretanto, estudos sobre a cognição demonstram que o pensamento, a linguagem e o agir no

mundo de acordo a estímulos que recebemos todo o tempo acionam conhecimentos em áreas diferentes do nosso cérebro, sem a divisão cartesiana entre racional e emocional, por exemplo. Antes, os estímulos de diversas ordens recebidos do mundo percorrem diversas regiões de nosso cérebro e são compreendidos e articulados em pensamentos ou em atos de comunicação, de maneiras integradas, em que as informações se dividem em planos primários e secundários e vão criando significados.

Estudos linguísticos que fazem interfaces com estudos cognitivos pelo viés da Teoria Neural, desenvolvidos por Duque (2017), demonstram que o simples ato de “pegar algo”, por exemplo, é precedido por diversas conexões neurais que ocorrem em várias áreas diferentes do cérebro, que abrangem a memória e a imaginação, conhecimentos que servem como pano de fundo para nossas ações cotidianas que, de tão mecanizadas, parecem ser inatas ou estarem presentes em nosso DNA.

No mesmo estudo, se verificou, também, que somente o ato de pensar em “pegar algo” já acionava as mesmas áreas do cérebro associadas ao ato em si, as áreas chamadas de “primárias”, as quais são responsáveis pela ação propriamente dita, mas, nesse momento em que “pegar algo” é somente um pensamento, essa área age em segundo plano, no lugar de pano de fundo do ato de pensar em “pegar algo”. Isso nos mostra como as dimensões simbólicas da nossa vivência, como a linguagem, as representações etc. estão intimamente relacionadas às nossas experiências, desde as mais básicas e ligadas ao corpo até as mais sofisticadas que envolvam sentimentos ou relações sociais, bem como comprova as bases físicas para o entendimento da linguagem, através do acompanhamento das frequências neurais em humanos diante dos estímulos, acontecimentos e coisas do chamado mundo “objetivo”.

Em vista disso, os significados, para a LC, são construções que decorrem de processos que envolvem a atenção, a memória, a percepção, a categorização etc., relacionados às dimensões sócio-culturais e as experiências sensório-motoras, resultados das interações do indivíduo em sociedade (ALMEIDA; SANTOS 2019).

Daí compreender que os conhecimentos sobre um significado, produzidos por lexicógrafos e lexicólogos e publicados em dicionários, são conhecimentos que fazem parte do conhecimento enciclopédico, pois passar pela educação formal e aprender linguagem, através de uma gramática prescritiva e uma pedagogia igual, que não necessariamente incentive a busca do conhecimento, dando um sentido àquilo que se aprende, são

acontecimentos que fazem parte do contexto social, submetidos às leis e adventos da realidade, que vão além de um falante competente que consegue colocar em ordem formas acústicas e imagéticas.

Existem estruturas que subjazem cada significado e envolvem mais que o conhecimento somente gramatical e fragmentado da língua no momento do seu uso. A LC é um campo de conhecimento relativamente novo, como já informado, tem seu início na década de 1980, quando alguns estudiosos na área de semântica gerativa, nomeadamente George Lakoff, Ronald Langacker, Leonard Talmy, Gilles Fauconnier e Charles Fillmore, insatisfeitos com as explicações muito ligadas à forma, buscaram interfaces entre a sintaxe e a semântica, privilegiando esta última e os fenômenos do significado.

Os estudos na LC são eminentemente interdisciplinares. Buscam, em vários ramos de reflexão voltados para a cognição, desde investigações sobre aspectos mais biológicos e físicos, até os aspectos mais simbólicos e abstratos, explicações relacionadas à área do saber da linguagem. Porém, apesar da multiplicidade de pensamentos intrínseca a esta ciência, alguns postulados são essenciais para o entendimento da linguagem enquanto atividade cognitiva que envolve a percepção, a memória, a categorização e a imaginação, como já indicado.

O primeiro deles, diz respeito a não modularidade da mente. As atividades cognitivas relacionadas à linguagem são a superfície de aprendizados estruturados complexamente, vindos das experiências sensório-motoras e coletivas de um indivíduo. As experiências, por sua vez, estão inseridas em uma realidade cultural e sócio-histórica. Temos, como resultado, o entendimento da participação de vários dos nossos conhecimentos acionados por expressões linguísticas - mais conhecidas como palavras - que suscitam contextualmente sentidos. Dessa forma, a compartimentação da mente em faculdades responsáveis por funções específicas é questionada em detrimento do entendimento da cognição como uma estrutura de conhecimentos em redes.

Esta é uma das rupturas com outras perspectivas mentalistas do estudo da linguagem; a separação entre o corpo e a mente é desfeita, de modo que a cognição humana, conforme se pensa em LC, passa a se estruturar a partir, também, do corpo humano, em uma relação contígua à mente, tornando a “mente corporificada” (“corporificação”, “corporização”). As nossas experiências corpóreas associadas à nossa mente determinam as escolhas linguísticas cotidianas, nossos comportamentos etc. Essa perspectiva também basilar

da LC, desenvolvida por Mark Johnson, em 1987, propõe que nosso corpo limita nossas experiências e estrutura nossa cognição. Daí, discordar de que haja possibilidade de significar o mundo de maneira objetivista, pois a forma pela qual conhecemos e significamos o mundo ocorre a partir de uma perspectiva subjetiva e experiencialista. O mundo físico existe e é composto por diversas luzes, cheiros e sons invisíveis aos sentidos humanos, de maneira que seria impossível que a linguagem se manifestasse como um reflexo da realidade tal qual se dá no mundo, mas sim como “a construção humana única da realidade” (FERRARI, 2011). São conhecimentos que se estruturam de maneiras complexas, acionados pouco a pouco de acordo às necessidades do dia a dia e que vão fazendo os seres humanos estabelecerem e expandirem seus movimentos no mundo, já que as nossas características idiossincráticas marcantes – a linguagem, o pensar – são nossas principais formas de expressões no mundo e condicionam a maioria dos nossos princípios de sobrevivência e convivência em sociedade.

Igualmente importante é sinalizar sobre a implicação dessa noção no entendimento do que é o significado para linguistas cognitivistas. O significado é construído contextualmente, a partir desses conhecimentos de mundo, de conhecimentos oriundos das nossas experiências corpóreas e da interação com os fenômenos da realidade. Por isso, o significado, para os cognitivistas, ultrapassa as fronteiras das linguísticas tradicionais e aponta para um conceito de significado mais holístico, que, para entendê-lo, são integradas outras ciências, constituindo uma visão interdisciplinar, de modo que os linguistas cognitivistas estão igualmente preocupados com a investigação das estruturas e processos que subjazem a materialização do significado. Ao retomarem as ideias de Geeraerts (1995, apud, ALMEIDA; SANTOS 2019) e Silva (2004, apud, ALMEIDA; SANTOS 2019), as autoras apontam três princípios fundamentais da LC:

a primazia da semântica na análise linguística, que decorre da própria perspectiva adotada, que considera a categorização a função básica da linguagem; a natureza enciclopédica do significado, que, em outras palavras, se refere à associação do significado linguístico ao conhecimento de mundo e, por último, a sua natureza perspectivista, uma vez que o sentido conceptualizado não reflete objetivamente o mundo, podendo ser construído de diferentes maneiras ou perspectivas. (ALMEIDA; SANTOS 2019)

No momento da interação que envolva o texto, na comunicação, surgem as conceptualizações, ou seja, resultados expressivos, com potencial comunicador, criados a partir de experiências moldadas pelo corpo e, ao mesmo tempo, compartilhadas de maneiras semelhantes por um coletivo.

Essas afirmações quebram com a crença estruturalista que o signo linguístico não é motivado, pois, para a LC, as expressões que utilizamos para nos comunicar no cotidiano são motivadas, primeiramente, por experiências básicas, sensório-motoras, corpóreas, depois, com o desenvolvimento natural do indivíduo em sociedade, as experiências vão se estruturando de acordo à noções mais complexas, por exemplo, noções que envolvam regras sociais tácitas. São desdobramentos dos mecanismos que adquirimos quando crianças para armazenar conhecimentos primários e vão nos condicionando ao aprendizado de coisas mais abstratas, cada vez mais estruturadas e complexas.

Como destaca a professora Paula Lenz (2013), o entendimento de Johnson (1987) sobre a mente corporificada compreende três níveis de corporificação:

1) no nível neural, que corresponde às estruturas que caracterizam conceitos e operações cognitivas; 2) no nível da experiência consciente fenomenológica, que inclui tudo aquilo de que nos damos conta, especialmente nossos próprios estados mentais, corpo, ambiente físico e interações físicas e sociais; 3) no nível do inconsciente cognitivo, que consiste em todas as operações mentais que estruturam e tornam possível qualquer experiência consciente, inclusive a compreensão e uso da linguagem. Esses níveis não são construtos independentes, mas estão imbricados um no outro. (LENZ, 2013)

No primeiro nível descrito, temos a categorização como um dos fenômenos mais importantes para caracterizar uma estrutura de aprendizado, pois é um processo importante na estruturação conceitual dos conhecimentos. Como mencionado anteriormente, a categorização é um fenômeno condicional de sobrevivência dos seres vivos, pois esses conhecimentos armazenados baseados na experiência ajudam a julgar, por exemplo, determinar qual alimento é ideal para ser consumido ou não. Cada um a sua forma, os seres vivos têm capacidades de captação da realidade bastante distintas e, portanto, formas de categorizar diferentes. Para os seres humanos, a categorização perpassa a linguagem e toda a dimensão simbólica que lhe é intrínseca. Dessa forma, a gramática da linguagem é produzida, a partir da interação, do uso que evoca peculiaridades de significados manifestados em determinado momento e que tem suas bases em conhecimentos mais ou menos fixos e principalmente contextuais e perspectivistas.

A teoria sobre categorização mais aceita, entre os estudiosos da LC, é a desenvolvida por Eleanor Rosch, durante a década de 1980. A Teoria dos Protótipos é resultado de experiências desenvolvidas pela psicóloga cognitivista que comprovam serem as categorias instâncias de conhecimentos mais maleáveis, sem limites nítidos entre si, cujos

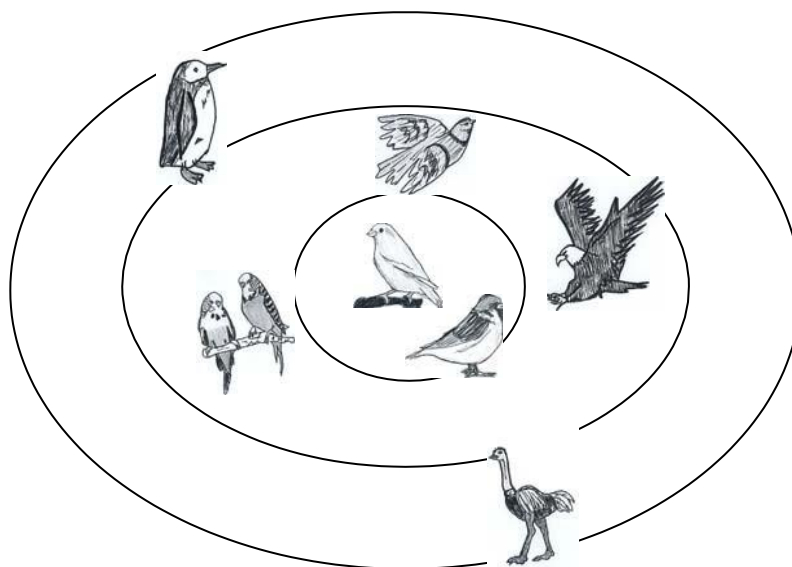
conceitos se desenvolvem de maneira radial em relação a um centro e é representada, através de uma interessante metáfora que compara as similitudes entre membros de uma categoria qualquer com as do membro de uma família, perspectiva compartilhada pelo filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein, que intenta caracterizar as semelhanças entre os elementos de uma categoria como as de uma aparência familiar, em que, apesar de todos os membros de uma família compartilharem características físicas e psicológicas com seus genitores e ancestrais, novos indivíduos, dentro de uma família, se constituem, invariavelmente, como um elemento novo, parecido com outros, porém não idêntico a nenhum membro anterior, mesmo quando se tratarem de irmãos gêmeos univitelinos, pois cada um possui um corpo, uma identidade, uma digital diferente do outro.

A conceptualização, por sua vez, é uma construção nova que parte de estruturas que já existem e são maleáveis, no sentido de que há elementos, em uma categoria, que carregam mais características tidas como mais centrais daquela categoria, nas palavras de Rosch (1980), mais “prototípicas” e outros membros mais periféricos que não são menos pertencentes à determinada categoria e têm seu espaço dentro das escolhas que os falantes fazem em seus cotidianos. Desse modo, um significado não é mais próprio de uma palavra, como se acredita ser o sentido chamado denotativo, nem menos próprio e modelador de discursos, como o chamado sentido conotativo. Todos os significados têm o seu momento aplicável, aceitável e coerente dentro de um contexto.

Para comprovar a sua tese, Rosch (1980) empreendeu algumas pesquisas, iniciadas através da investigação sobre as cores. O questionamento da estudiosa era se a base psicológica para nomear as cores partia da linguagem ou de conhecimentos cognitivos pré-linguísticos. O que se comprovou, nessas observações, é que há cores perceptualmente mais salientes e presentes em diversas culturas, chamadas de cores focais. Elas são adquiridas mais rapidamente por crianças, ficam retidas mais facilmente nas memórias de curto e longo prazo e, por isso, se constituem como mais prototípicas, inclusive, ao formarem substantivos compostos, quando nomeiam nuances de cores relacionadas a elas, como é o caso de azul-marinho, entre outras, ou seja, existem cores que são mais prototípicas nessa categoria do que outras, por serem lembradas mais facilmente ou por designarem um grupo inteiro que envolva várias nuances de cores. Isso levou Rosch a estender seus experimentos aos objetos e seres e estabelecer nove categorias para verificar se entre as entidades delas também havia uma categorização baseada em similitudes e prototipicidade. Os resultados evidenciaram que os

limites entre as categorias não são nítidos, embora haja elementos dentro de cada categoria que são mais prototípicos do que outros que vão se distanciando desse centro.

O desenho a seguir, reproduzido do texto de Valenzuela, Ibarretxe-Antuano e Hilferty (2012), demonstra como se organiza a categoria AVE, segundo os princípios da categorização por protótipos de Rosch (1980):



Fonte: VALENZUELA, IBARRETXE-ANTUAÑO, HILFERTY, 2012.

Na imagem apresentada anteriormente, podemos ver a distribuição de alguns elementos da categoria AVE, cujos elementos mais centrais no desenho acionam os protótipos, ou seja, os elementos que carregam mais características típicas daquela categoria e, portanto, são lembrados mais rapidamente por usuários como pertencentes à categoria em detrimento de outros que são mais periféricos e carregam menos características da categoria em questão, entretanto, ainda, fazem parte dela.

Isso demonstra que, para explicar as características compartilhadas em determinada categoria, não devemos perder de vista a perspectiva de contiguidade entre elementos e categorias e não separação e oposição necessariamente. Embora o número de categorias seja finito, por justamente ter uma função de economizar espaço de armazenamento em nosso cérebro, elas não são estruturas estanques e organizadas dicotomicamente em relação a outras, mas sim são contíguas, radiais e complexas.

No segundo nível de corporificação, como postula ainda Johnson (1987), as “experiências fenomenológicas”, que são os estímulos que recebemos do mundo exterior e a

apreensão destes acontecimentos por meio dos nossos sentidos, formam a nossa subjetividade e compõem o caráter perspectivista da linguagem, defendido pela LC. Consequentemente, o último nível de corporificação diz respeito a como esses conhecimentos, eminentemente, experienciais, se estruturam e desembocam em processos cognitivos de expressão destes aprendizados através da metáfora e da metonímia, ajudando os seres humanos a compreenderem o que ocorre à sua volta.

Todas essas teorias, além de serem descobertas importantes para revelar os mecanismos de funcionamento da linguagem, comprovam as bases experiencialistas dos nossos conhecimentos. A linguagem é o resultado (ou seria o início?) da organização e articulação desses conhecimentos colocados em diálogos. São os chamados domínios conceptuais, isto é, estruturas de conhecimentos que se relacionam entre si, para compor significados atualizados das expressões utilizadas e que fazem parte dos processos cognitivos de armazenamento e troca de informações. Esse tipo de estruturação de conhecimento acontece cedo nos humanos, ainda nas primeiras fases de aquisição que são perceptivas. Como dito anteriormente, nossa cognição é construída e limitada por percepções corpóreas e sensoriais que vão compondo conceptualizações, ao longo de nossas vidas. Essas experiências embasam a existência dos domínios primários TEMPERATURA, COR, ESPAÇO e EMOÇÃO, que servem como domínios-fontes para projeções em diversos outros domínios.

Como exemplificado no texto de Valenzuela, Ibarretxe-Antuano e Hilferty (2012), o domínio da TEMPERATURA é um dos exemplos mais emblemáticos de aquisição de um conhecimento ligado às experiências sensório-corporais ocorridas na primeira infância, nos primeiros contatos da criança com a mãe ou pai ou responsável, conhecimentos chamados pré-conceptuais que, posteriormente, estruturam outros conhecimentos, como a percepção do HUMOR/PERSONALIDADE de si mesmo ou do outro. Temos projeções metafóricas entre domínios diferentes da experiência, quando dizemos que alguém “age friamente” ou chamamos alguém de “caloroso”, no sentido de qualificar a pessoa como receptiva, carinhosa, afetuosa. Essas projeções integram o processo de conceptualização metafórica, que ocorre quando compreendemos um domínio em termos de outro domínio conceptual, e os relacionamos, de acordo aos conhecimentos armazenados, em nossa cognição.

A linguagem, deste modo, é vista por cognitivistas, como um processo integrante da nossa cognição, uma expressão e interpretação da realidade, descrevendo as experiências, acontecimentos e coisas do chamado “mundo real”, em uma perspectiva interdisciplinar, cujos

princípios gerais atuam sobre todos os níveis de estudo linguístico e dialogam com conhecimentos disponíveis sobre a mente e o cérebro, as relações sociais, formas individuais e coletivas de se relacionar com o mundo, conhecimentos oriundos da Neurologia, da Psicologia, da Antropologia, da Cultura, entre outros, que contribuem para a explicação do fenômeno, como também, as descobertas relacionadas à linguagem elucidam questões sobre o funcionamento biológico e mecânico do cérebro humano.

3.3 A METÁFORA CONCEPTUAL

Segundo Lakoff e Johnson (1980, apud, ALMEIDA 2014) “nosso sistema conceptual comum em termos dos quais nós pensamos e agimos é fundamentalmente metafórico por natureza”. Tal afirmação é constatada pelas várias descrições e exemplificações dadas em *Metaphors we live by*, de 1980, (traduzido para o português como *Metáforas da vida cotidiana*, em 2002) que comprovam que nosso sistema conceptual, isto é, nossas redes de significações são feitas através de processos mentais metafóricos e metonímicos.

A metáfora conceptual diz respeito a correspondências sistêmicas entre dois domínios conceptuais diferentes, sendo os significados resultados dos processos cognitivos, eminentemente os metafóricos. Entendemos eventos, coisas, corpos, entidades, seres vivos ou não em termos de experiências mais concretas que envolvem nossas mentes corporificadas. Esses conhecimentos primários, que estruturam outros conceitos, estão ligados ao nosso corpo e todo estímulo que ele recebeu desde que somos atravessados pelas experiências e tentamos transmitir sensações através de linguagens. Como aparece em Soriano (2012), uma metáfora conceptual nasce de um “conjunto de associações sistemáticas” que se chamam projeções. As projeções ocorrem entre domínios conceptuais distintos, dos quais um é o domínio que fornecerá a fonte, para a conceptualização, de onde sairão os conceitos que vão significar o outro domínio, que será o alvo da conceptualização, ou seja, o que está sendo apreendido e conceptualizado. Esses modos de compreensão de novos conceitos permitem que expressemos, com mais exatidão, as ideias de causas, ações, tempo ou, mesmo, conceitos sobre o que é a vida, desdobrando-se, assim, em metáforas utilizadas no cotidiano, tal qual teorizado por Lakoff e Johnson (1980). Os domínios conceptuais associados, no caso deste trabalho, a priori, são os conceitos de SER VIVO e CONSTRUÇÃO, que serviram de domínio-fonte para a conceptualização do CABELO, i.e., o domínio-alvo.

Como postulam Lakoff e Johnson (2002), as metáforas são de natureza diferente, conforme explica Almeida (2016):

As metáforas são, conforme Lakoff e Johnson (2002), estruturais, orientacionais e ontológicas. No primeiro caso, um conceito será metaforicamente estruturado em termos de outro. No segundo, há organização de um sistema de conceitos em relação a outro, em termos orientacionais, e, no terceiro, acham-se as metáforas decorrentes da capacidade humana de identificar experiências, eventos, ações, atividades, estados, emoções, ideias etc., em termos de entidades e substâncias (Lakoff & Johnson, 2002). Em 2003, eles asseguraram que as metáforas são simultaneamente estruturais, ontológicas e algumas são, ainda, orientacionais (Zountouridou, 2010). Com base em Grady (1997), eles postularam que as metáforas são primárias e complexas; as primeiras são adquiridas automática e inconscientemente pelos seres humanos, são aprendidas e, agrupadas, formam as complexas, construídas pela integração daquelas (Lakoff & Johnson, 1999). (ALMEIDA, 2016)

Os conhecimentos que compõem o repertório da nossa experiência e da nossa linguagem estão intimamente ligados a aspectos sociais e culturais e nos fazem experienciar um determinado evento ou coisa em termos de outros. Dois domínios de aprendizados são associados e um tem seus conceitos projetados de maneira metafórica para outras esferas de nossas experiências, que são mais abstratas, como entender o AMOR em termos de VIAGEM (Veja a que ponto *chegamos?!)* ou IDEIAS em termos de PLANTAS (Na década de 1980 *brotava* uma nova teoria linguística) ou DISCUSSÃO em termos de um CONSTRUÇÃO (A LC *sustenta* a ideia que exponho neste texto). Esses são alguns dos exemplos de metáforas estruturais.

As metáforas orientacionais, também chamadas de primárias, por Grady (1999), são as oriundas da relação do ser humano com espaço à sua volta, i.e, conceitos como o HUMOR que é compreendido em termos de altura (*Baixo astral; Alto astral*) ou TEMPO compreendido em termos de frente e trás (*O passado ficou para trás*) etc. Já as metáforas ontológicas compreendem coisas abstratas em termos de substâncias, como nas personificações de coisas; o PREÇO pode ser compreendido em termos de uma qualidade atribuída à pessoa, como a magreza, logo temos um “preço magro”, por exemplo.

Dentro do bojo dessa discussão sobre as peculiaridades teóricas das metáforas, como salienta Soriano (2012), há uma distinção entre a metáfora e a expressão linguística metafórica. Esta é subjugada à cultura e pode variar de uma língua para outra, aquela se manifesta de maneira mais geral e diversa em diferentes culturas, como é o caso da metáfora conceptual TEMPO É DINHEIRO:

Por ejemplo, em español podemos decir que alguien ha hipotecado su tiempo, lo cual no es posible em inglés. Sin embargo la misma metáfora existe en inglés expresada mediante otras construcciones como ahorrar tiempo ('save time') o administrarse el tiempo ('budget time'). (SORIANO, 2012)

Outros princípios também configuram as projeções metafóricas entre domínios. Elas são parciais, pois não são todos os conceitos associados ao domínio-fonte que se projetarão no domínio-alvo, mas somente aqueles suscitados contextualmente na comunicação; a invariabilidade, que também se conecta ao contexto e garante que só se projetarão informações coerentes que se liguem à estrutura imago-esquemática do domínio-alvo; a multiplicidade, que diz respeito à capacidade que o domínio-fonte tem de se projetar em domínios-alvos distintos; a unidirecionalidade, que postula a impossibilidade de que o domínio-alvo se projete no domínio-fonte e, por último, a similaridade entre elementos díspares, que está condicionada a fatores culturais e simbólicos e não é objetiva.

Do ponto de vista do modelo teórico da Metáfora Conceptual, os exemplos do cotidiano demonstram que a metáfora não é um mero ornamento, restrita à retórica ou à literatura, mas sim está presente na nossa vida e se configura como um processo mental que nos ajuda a compreender o mundo e transformá-lo em linguagem. Nossas experiências sensorio-motoras, sociais e culturais manifestam-se na linguagem, através de expressões metafóricas ligadas a domínios conceptuais, tendo a metonímia como fenômeno contíguo, concomitante ou anterior à determinada conceptualização.

As investigações em LC contemplam a descrição de estruturas subjacentes à linguagem, como as categorias, os domínios semânticos, os MCIs, os protótipos, esquemas imagéticos, a metonímia etc.. Vale salientar que há outras teorias que compõem os estudos da LC que, também, poderiam enriquecer o trabalho interpretativo feito aqui, contudo esse estudo restringe suas análises baseado na Teoria da Metáfora Conceptual e na definição de quais domínios se relacionam e como isso acontece. Ao analisar as projeções entre domínios, pretendo estabelecer quais partes do domínio-fonte se projetam no domínio-alvo? E de que forma isso influencia na generalidade ou especificidade de uma metáfora conceptual?

A partir dos relatos das usuárias sobre os efeitos causados pela hidratação *Morte Súbita*, pretendo interpretar expressões utilizadas por elas para compreenderem seus cabelos após a experiência do uso do creme e explicar como as projeções ocorrem entre os domínios conceptuais encontrados. Pensemos que essas condições pressupõem também informações sobre os estados anteriores do cabelo que, por vezes, aparecem também nos relatos e valem a

pena ser analisadas, por comporem igualmente a relação de causa e efeito do uso do produto e, do mesmo modo, conceptualizações sobre a própria hidratação², pois ela também aparece como um agente nessas associações.

4 O ESTUDO DO CORPUS

Para iniciar a reflexão, vou relembrar, de maneira sintética, as escolhas que nortearam os recortes do corpus feitos neste trabalho.

Como dito anteriormente, o nome pitoresco do produto, *Morte Súbita*, foi o pontapé para a investigação. A forma utilizada pelos fabricantes para se comunicar através da embalagem, com uma linguagem coloquial, típica em ambientes virtuais, i.e., cheia de gírias, abreviações e conhecimentos compartilhados pela “comunidade virtual”, levou-me aos ambientes de blogs e sites que tinham conteúdos relacionados ao uso da hidratação, ou seja, resenhas críticas sobre o produto comentadas por internautas. Vi surgir dali expressões metafóricas que relacionavam uma parte do corpo humano ao todo, que é o ser vivo, como também cabelos que precisavam de reparação ou reconstrução. Expressões como “nutrir” e “hidratar” que se referem a fases do tratamento capilar são facilmente associadas a um ser vivo, afinal, os seres vivos se mantêm vivos por estarem nutridos e a retenção de água nos corpos vivos é essencial à saúde deles. Assim como a expressão “reconstrução”, que se refere a uma fase do tratamento capilar, remete-me imediatamente a domínios conceptuais que envolvam construção, dano, reparo etc.

Assim, vou transcrever e explorar, aqui, alguns comentários em que expressões como “reconstrução”, “quebra”, “nutrição”, “hidratação” etc. comprovam a existência das metáforas conceptuais estruturais conjecturadas durante a pesquisa, que, como já informado anteriormente, são: CABELO É SER VIVO e CABELO É CONSTRUÇÃO.

O primeiro comentário apresenta uma usuária de *Morte Súbita* que tem problema com a raiz do seu cabelo:

(1) "Tratamento essencial. Não fico sem. Foi amor logo de cara. Tenho cabelo liso natural e raiz oleosa, faço quinzenalmente. Amo o resultado."

²Apesar do trabalho se propor a estudar conceptualizações pré-estabelecidas sobre o conceito do CABELO, as conceptualizações sobre o creme também foram exploradas, dada sua importância na composição do sentido dos comentários e seus papéis nas conceptualizações do cabelo.

Segundo pesquisa na longa definição do item lexical raiz, no Dicionário Houaiss (2009), a acepção relacionada à anatomia refere-se diretamente à raiz dos cabelos e das unhas, como demonstra parte do verbete a seguir exposto: “4. ANAT. parte por meio da qual um órgão estrutura orgânica se implanta em um tecido (raiz das unhas) (r. dos cabelos)” (HOUAISS, 2009). No entanto, observo que o significado de raiz possui domínios comuns acionados para cada contexto diferente em que a palavra raiz pode ser utilizada. Por exemplo, a primeira acepção de raiz, datada de 1091 (HOUAISS, 2009), se referia à raiz enquanto base de alguma coisa, como em raiz da serra. A segunda acepção refere-se à morfologia botânica e deste conceito, retiramos o domínio profundidade, que está alinhado à ideia de parte inferior, base de alguma coisa, lugar ou alguém. Observando esses conceitos aqui apresentados, resumidamente, e os outros encontrados no dicionário, percebo que os domínios acionados ao dizer que os cabelos têm raiz compartilham experiências básicas de noções do espaço, como a profundidade; noções de altura, como parte inferior de algo; noções de origem, quando definidas a raiz gramatical ou quadrada ou, ainda, de essencialidade e pertencimento, quando nos referimos às raízes culturais ou étnicas.

A frase “[...] Tenho cabelo liso natural e “raiz” oleosa [...]”, portanto, instancia a metáfora conceptual CABELO É PLANTA, entendendo que, dentro do conceito de raiz, o domínio da profundidade é o mais enfocado. O cabelo nasce de uma superfície e cresce a partir dela, tal qual uma planta brota da terra. Esta conceptualização é mais específica e pertence a uma mais geral que é CABELO É SER VIVO, já que planta também é ser vivo.

Em outra possibilidade de compreensão do mundo através das conceptualizações, temos as metáforas em que o cabelo aparece como pessoa. Vejamos:

(2) “Meu amor! Te amo! Cabelo soltinho, macio, brilhoso, seladinho. O único creme que se entende com *meu cabelo rebelde*. Morte súbita tá fazendo *a gente fazer as pazes*. Fiz definitiva, progressiva e coloração por anos e não fazia *hidratação* nem *nutrição* nem muito menos *reconstrução*. E ainda usava chapinha em toda lavagem. Imagina a bad! Agora Morte súbita tá me ajudando a *recuperar a relação abalada entre eu e meu cabelinho*.”

(3) "Uma das melhores máscaras da Lola. No meu cabelo tem efeito de *nutrição; e uma boa nutrição*. A uso naqueles dias em que quero que o cabelo fique top. Acaba um pote, eu compro outro."

(4) "Cumpre o que promete, *hidrata bastante os fios* e proporciona brilho."

(5) “Ju querida, da Lola só usei o dream cream e, nas duas primeiras vezes, meu cabelo não ficou bom. Na terceira *ele ficou super soltinho e com*

uma aparência linda! Descobri que preciso insistir num creme mais de uma vez para meu bichinho birrento gostar! [...]

(6) “Eu amei essa máscara... Meus cabelos sofreram bastante com a química e ela estava recuperando. Muito boa”

Na maioria dos comentários destacados, o cabelo aparece metaforizado como PESSOA que se une com sua “dona” em relacionamentos, nos quais, geralmente, eles são maltratados por elas, por utilizarem agentes químicos de tintura ou alisamento, ou mesmo, agentes mecânicos, como escova e chapinha. No comentário 2, a usuária se entende em uma relação afetiva com seu cabelo que anda abalada pelas “agressões” que ela lhe infligiu durante anos (“definitiva, progressiva e coloração”, além da “chapinha em toda lavagem”). Há uma relação que envolve três entidades: ela, a “agressora” do próprio cabelo, a hidratação que é mediadora na situação e veio para ajudar na relação entre o cabelo e ela e, na outra ponta, o cabelo, a vítima da situação, que, durante anos, não foi nutrido, hidratado ou reconstruído.

Nesse exemplo, aparece a metáfora CABELO É AMANTE³, pois as expressões utilizadas remetem a conflitos conjugais, como pode aparecer nos seguintes exemplos: “A relação entre mim e meu marido anda abalada” ou “Briguei com meu companheiro, mas já fiz as pazes”. Por outra parte, aparece também uma qualidade humana atribuída ao cabelo que enseja outra metáfora que é CABELO É PESSOA REBELDE. Essas metáforas conceptuais são mais específicas e consta da ideia mais geral e conceptual de que CABELO É SER HUMANO e não somente parte dele. Todas elas se associam à conceptualização mais ampla, suposta neste estudo, que é CABELO É SER VIVO. Desde os primeiros trechos destacados, quando ela escreve “cabelo rebelde”, “a gente fazer as pazes” até a parte final “recuperar a relação abalada entre eu e meu cabelinho”, há o entendimento de que há um conflito entre a dona e o cabelo que está sendo (re)mediado pelo creme hidratante, que aparece, no exemplo, como um mediador, uma espécie de “advogado” que irá apaziguar a situação crítica em que se encontra essa relação.

Nesse comentário, ainda, e nos comentários que se seguem, 3 e 4, temos a presença das palavras-chaves para o bom tratamento capilar, que designam os diferentes estágios do cuidado com os cabelos: “nutrição”, “hidratação” e “reconstrução”.

Seres vivos precisam se nutrir, mesmo que cada um o faça à sua maneira. Quando penso na ideia de nutrição, logo, remeto-me à alimentação. O cabelo precisa ser “alimentado”

³ Embora a leitura de que o CABELO possa ser concebido como AMANTE seja plausível, é necessário chamar a atenção para o fato de que em outras relações interpessoais podem haver crises, problemas, terminos, como é o caso de amizades, ou brigas entre irmãos, o que instanciará a metáfora CABELO É PESSOA.

com vitaminas específicas para obter as qualidades que foram destacadas nos comentários (“soltinho, macio, brilhoso, seladinho”, “top”, “brilho”). Assim, sempre parecerá hidratado, no sentido de ser capaz de reter água e isso acabará influenciando na aparência do cabelo.

Já no comentário 5, também aparece uma relação entre o cabelo e sua possuidora, mas, desta vez, a relação é similar a da mãe com o filho, já que, somente na terceira tentativa, o “bichinho birrento” conseguiu ficar com uma “aparência linda”. A primeira vista, a metáfora que pode saltar aos olhos é a de que CABELO É ANIMAL, dado o uso da expressão “bichinho” que, comumente, pode se referir a bichinhos de estimação. Contudo, animais domésticos, como o gato e o cachorro, hoje, são metaforizados como “filhos” das “mães de pet”, o que indica as projeções entre os domínios do que é FILHO para o entendimento do que é BICHO, já que os “bichinhos” são vistos como dependentes, vulneráveis, não-autônomos, incapazes de tomar decisões, tal qual um bebê ou criança. Dessa forma, temos aqui a conceptualização BICHO É BEBÊ/CRIANÇA, já que o bichinho é tratado como um ser dotado das características citadas, que tem um dono que sabe o que é o melhor para ele, mas também, pode ter o poder de maltratá-lo, tal qual uma criança ou um bebê que é um ser vivo totalmente vulnerável e dependente de outros para viver. Como apresentado nos exemplos anteriores, apesar do CABELO ser PESSOA, nos comentários, ele aparece passivo diante de uma dona, é um ser sem autonomia que não toma decisões sobre a própria existência, não sabe o que é melhor para si e sua dona precisa lhe mostrar, lhe guiar, insistir no seu tratamento para que ele “fique mais saudável” e “fique melhor”. Essas relações tornam plausível a metáfora conceptual CABELO É BEBÊ/CRIANÇA.

Nesse contexto, a expressão “bichinho” também é a realização de uma conceptualização comum utilizada por adultos em geral, especialmente, pelas mães para se referirem aos seus filhos, principalmente, nas primeiras fases de suas vidas e aparece como uma espécie de apelido carinhoso em exemplos, como “Tadinho do bichinho”, “O bichinho não fez nada”, “Também te amo, bichinho”, “Liguei pra falar com os bichinhos” etc.. Diante disso, a conceptualização que surge no texto 5 remonta a um cenário de criança birrenta que é obrigada a comer verdura, mas não gosta, e a mãe, insistente como costuma ser, querendo a melhor nutrição para o seu filho, não desiste até dissuadi-lo do seu “não gostar”. Assim, CABELO É CRIANÇA/BEBÊ é a conceptualização mais específica que emerge do comentário destacado e está estruturada sob o entendimento da metáfora conceptual mais geral CABELO É SER VIVO.

Finalmente, no comentário 6 apresentado neste bloco, temos o cabelo como um ser que sofreu bastante pelos agentes químicos proporcionados pela sua “dona”, já que, na maioria das vezes, nos referimos aos cabelos como possuidoras deles. Mais uma vez, o CABELO aparece como SER VIVO passivo que sofreu uma ação proporcionada pela agente “dona”, que, agora, busca, na máscara hidratante, a recuperação do cabelo. *Morte Súbita* aparece como remédio ou terapia que está recuperando o cabelo. Concluo, aqui, que estamos diante de uma conceptualização sobre a hidratação que não posso ignorar, qual seja, CREME É REMÉDIO/TERAPIA, que recupera os danos causados por doença, seja física ou psicológica, como podemos observar no uso da mesma expressão “recuperar” ao se referir às pessoas convalescentes de alguma doença em hospitais ou mesmo indivíduos em recuperação de vícios em drogas, por exemplo.

Seguindo, ainda, nessa perspectiva de análise em que a conceptualização CABELO É SER VIVO é a base mais geral para estruturar as outras metaforizações, exponho mais exemplos expressos nos comentários a seguir:

(7) “Muito boa, deixou meu cabelo bem encorpado”.

(8) “Boa tarde Meninas!!! Eu comprei a máscara ontem e ainda não testei... li alguns comentários, uns negativos e outros bem positivos! Espero que de certo no meu cabelo, ele esta precisando de socorro rrsrs... Bjs!!!”

(9) "Para esse creme se eu pudesse dar mais estrelinhas muito mais eu daria. Creme maravilhoso. Tenho cabelo Crespo cacheadinho com muito volume e faço uso de química. Pelo constante uso de químicas e descolorantes meu cabelo perdeu a saúde que tinha. Esse creme me permitiu parar um tempo com a química. Quando uso o cabelo como o próprio nome do pote diz DESMAIA. [...]"

(10) “[...] Depois experimenta a mascara da forever liss desmaia cabelo, é perfeita, cabelo fica super sedoso, cheiroso, macio, com brilho e sem frizz [...]"

(11) “[...] Nossa, eu usei e meu cabelo gostou muito [...]"

No comentário 7, aparece pela primeira vez um aspecto específico do ser vivo que é o corpo. Após o uso da hidratação, “o cabelo encorpou”, tal qual acontece quando tomamos uma vitamina que falta à vitalidade de nosso corpo. Esta expressão remete à nutrição, pois encorpar de maneira saudável é sinal de que aquele corpo está bem nutrido. Já nos comentários que se seguem, o 8, 9 e 10, o cabelo precisa de socorro, perdeu sua saúde devido às ações da sua “dona”, portanto está doente. Assim, temos a metáfora CABELO É PACIENTE que precisa ser socorrido pelo creme. Como vimos anteriormente, a metáfora

geral, CABELO É SER VIVO estrutura aquela metáfora, colocando o cabelo como um elemento passivo, que sofre agressões da agente “dona” e precisa da ajuda do CREME que, aqui, é também conceptualizado como REMÉDIO/TERAPIA. Contudo, a novidade que aparece nos comentários 9 e 10, está no fato de o cabelo “desmaiar”, aqui tomada como uma ação consequente positiva, decorrente do uso da hidratação, muito diferente da sensação que causa o desmaio em algum ser humano ou animal.

O desmaio ou síncope, como definido clinicamente, é “a perda abrupta da consciência e do tônus postural que pode ocorrer em decorrência de fatores como doenças cardiovasculares, distúrbios metabólicos, uso de medicamentos, entre outros” (BRUNA, 2019). Apesar de poder ser um sinal de doença grave e a recomendação é de que, se recorrente, deve-se procurar um médico e descobrir as suas causas, ao se referir aos cabelos os domínios ativados estão relacionados à “perda do tônus postural”, i.e., o cabelo que está com “frizz”, “espetado”, “com volume”, “ressecado” etc., vai dar lugar a uma mudança de postura e ficar diferente do que era antes. Assim, temos uma conceptualização relacionada à hidratação, qual seja, CREME É CAUSA DE DESMAIO, ou seja, agente de mudança do estado anterior do cabelo que, aqui, continua a ser SER VIVO passivo, que sofre a ação de outro sujeito.

No comentário 11, temos o cabelo não como indivíduo passivo e vítima de sua “dona” ou alvo da ação do creme “remediador”, “apaziguador”, “moderador”, como em exemplos anteriores, mas sim um cabelo agente que gosta de alguma coisa. Nesse texto, podemos inferir a metáfora conceptual CABELO É PESSOA, pois, dotado de autonomia, gosta ou desgosta de algo, tal qual nós seres humanos que, ainda, expressamos esse gostar através de palavras ou reações. No caso, a “dona” do cabelo nota, pela reação do seu cabelo ao uso da hidratação, que ele “gostou” de ser tratado por ela e fala por ele, enquanto proprietária. CABELO É PESSOA é uma metáfora mais específica, estruturada sob a mais geral, CABELO É SER VIVO.

Ao se referirem aos cabelos que passaram por muitos processos químicos (coloração, progressiva) e mecânicos (uso constante de chapinha) agressivos, as usuárias do creme *Morte Súbita*, conceptualizam seus cabelos em termos do que precisam para serem reconstruídos, tal qual a parede infiltrada do quarto ou a reforma da cozinha. A seguir, apresentarei comentários em que aparecem conceptualizações que associam o domínio do CABELO ao domínio da CONSTRUÇÃO, projeção que já fica evidente no uso do item lexical “reconstrução” para designar uma fase do tratamento capilar:

(12) “Olá, fiquei em dúvida se o Spray *reparação total* é para usar apenas quando o ritual for feito ou se pode ser usado no dia a dia?”

(13) “Oi Ju.. vc comenta da Moisture Recovery nessa materia e resolvi perguntar.. qual o melhor jeito de usar? Porque eu comprei por meu cabelo estar detonado e ter *quebrado* inteiro por causa do loiro.. to com varias mechas irregulares dando pra ver claramente a *quebra*, só que quando eu lavo com o Moisture Recovery parece que ele *quebra* mais, o que eu faço?”

No comentário 12, a internauta manifesta sua dúvida sobre o uso de determinado produto e pergunta a blogueira se ele é para “reparação total” do cabelo. Ora, tomando as primeiras definições que aparecem para os vocábulos reparação e reparar, no dicionário Houaiss (2009), temos, com aparecimento no século XV, o substantivo reparação como “1 ação ou efeito de restaurar ou consertar algo; reparo e no verbete reparar, temos o seguinte conceito “1 *t.d.* pôr em bom estado (o que se havia estragado); restaurar, consertar [...]”. Pela experiência, sabemos que é comum o uso dessa expressão em contexto de edificações, para se referir à reparação de danos da cozinha onde a panela de pressão explodiu, da parede mofada do quarto ou do encanamento entupido do banheiro. Desta forma, apesar do cabelo ser um elemento que está implícito no texto, pois o lexema cabelo não está escrito, podemos afirmar que a expressão “reparação” está se referindo à recuperação do cabelo e, portanto, a metáfora CABELO É CONSTRUÇÃO aparece, na medida em que precisa ser restaurado por estar estragado; precisa voltar a um bom estado através de uma ação externa, tal qual numa edificação que precisará, também, de um agente externo, um pedreiro, um mestre de obras, um engenheiro para restaurar os danos causados à construção.

O problema manifestado, no comentário seguinte, (13), é a “quebra” do cabelo da usuária. O uso deste lexema e seu derivado, o adjetivo “quebrado”, podem se associar a elementos da construção, i.e., são passíveis de ser interpretados em termos do que, igualmente, pode ser quebrado e reconstruído dentro de uma lógica da construção, como a parede quebrada, o telhado quebrado, o banheiro quebrado etc. É claro que os domínios conceptuais de quebra, quebrar e quebrado englobam uma infinidade de domínios associados às nossas experiências mais básicas de rupturas. Uma das propriedades dos domínios-fonte é que eles podem servir para conceptualizar vários domínios-alvo. Dizemos que coisas físicas, como as máquinas ou os espaços podem se quebrar, contudo, amizades, relacionamentos amorosos e até a própria vida podem ser quebradas. A priori, a expressão *quebrar* cria a conceptualização CABELO É OBJETO FRÁGIL, entretanto, neste contexto, a quebra do cabelo está relacionada à fase de tratamento capilar denominada reconstrução, o que me remete a outra metáfora conceptual, qual seja CABELO É CONSTRUÇÃO FRÁGIL, já que,

para um cabelo quebradiço, poroso é necessário que haja uma drástica atitude, como reconstruir algo o é. Por isso, na interpretação das expressões que aparecem no comentário, admito que a quebra, aqui, relaciona-se aos danos causados por agentes externos e precisa de um tratamento específico que modifique o quadro completamente. Essas projeções entre os conceitos da CONSTRUÇÃO associados ao CABELO são de caráter estrutural, porque os domínios estão relacionados de acordo a convenções sociais de noções de inteiro e quebrado e a solução para o problema é a reconstrução, ou seja, repetir os esforços e atividades necessárias para recriar os efeitos de um cabelo bem tratado.

As expressões metafóricas *quebra* e *quebrado* que aparecem no texto são estruturadas a partir da conceptualização CABELO É CONSTRUÇÃO, pois o cabelo “quebra” e precisa de “reparos”, como as paredes de uma casa. Quando a situação exige, o cabelo deve passar por uma “reconstrução”, que pressupõe um tratamento mais amplo e intenso, do qual também se espera um resultado notável, tal qual ocorre em reconstruções de casas, prédios, pontes etc., em que se espera uma modificação total do quadro atual de determinada construção.

Durante os estudos, apareceram comentários que envolviam projeções entre outros domínios, que não conceptualiza o CABELO nem como SER VIVO, nem como CONSTRUÇÃO. Vejamos:

(14) “Amo essa máscara, meu *cabelo derrete* na hora e depois fica bem macio. Faço luzes e sou cacheados. Gosto muito dos produtos da Lola.”

Nesse comentário, a usuária de *Morte Súbita* compreende o seu cabelo como algo que “derrete”, ou seja, muda de estado sob a ação de algum agente externo, geralmente de um estado sólido para um estado líquido (HOUAISS, 2009). Outro sentido para derreter que pode ser interessante para a interpretação dessa metaforização é a dissipação de algo, como no exemplo “derreteu verdadeiras fortunas” (HOUAISS, 2009). Diante dessas acepções, “derreter o cabelo” pode significar uma mudança de estado, em que o cabelo está maltratado, desnutrido, ressecado e, ao utilizar o produto, há uma dissipação do estado crítico em que o cabelo se encontra. Portanto, CABELO É MINERAL é a conceptualização presente no comentário, já que o cabelo pode estar em estados sólidos, metaforicamente falando, como os elementos minerais gelo, chumbo ou ferro, contudo, a partir de um agente externo “derretedor”, que, no caso específico do cabelo é o creme, mas no caso dos elementos citados é o calor, passa para um estado mais liquefeito, mais maleável e, portanto, apontado como melhor estado pela usuária da hidratação.

No próximo comentário, o cabelo aparece adjetivado por uma expressão, “detonado”, a qual não aparece dicionarizada, entretanto, refere-se aos efeitos de uma detonação, que, segundo definição do dicionário Houaiss (2009), relaciona-se ao ato ou efeito de combustão, explosão de algo ou algum lugar. Vou averiguar qual sentido suscita a expressão de acordo com o contexto:

(15) O Morte Súbita não funciona no meu cabelo...já tentei com o cabelo mais detonado e nada...ele pesa e não fica legal... (...)

A partir dos domínios conceptuais relacionados à “detonação”, “detonar” ou “detonador”, expressões que aparecem dicionarizadas e se relacionam ao ato de explodir, através da autocombustão, algo ou algum lugar, sendo, assim, o agente da explosão de algo ou algum lugar, o cabelo, nesse contexto, aparece como algo inflamável que pode entrar em combustão e fica com os efeitos da tal detonação. A adjetivação deste radical enfatiza os domínios relacionados aos efeitos da catástrofe; supõe a destruição, a pós-combustão. Assim, o CABELO aparece conceptualizado como INFLAMÁVEL, em primeira instância, que estrutura a metáfora CABELO É BOMBA. Ampliando a definição da estruturação do conceito, quando a usuária caracteriza seu cabelo como “*detonado*”, refere-se ao estado de destruição do cabelo e essas metáforas aparecem baseando uma conceptualização mais geral, qual seja CABELO É LUGAR/ZONA DE GUERRA, já que a adjetivação dessa expressão leva-me diretamente aos efeitos de destruição de uma explosão, as quais são típicas do cenário de uma guerra.

Por último, no comentário 16, apresento outra conceptualização distinta das propostas nesse trabalho:

(16) (...) Estou usando há duas semanas e estou perdendo o triplo de cabelo que perdia normalmente, da pra sentir uma diferença gigantesca no volume dele... (...)

No texto, a queixa da usuária aciona domínios conceptuais relacionados ao volume que remete à acepção da Física, em que o volume é medido a partir da massa e do espaço que ocupa; volume também pode ser e tamanho relacionado à altura, corpulência, dimensão avantajada e quantidade (HOUAISS, 2009). No comentário, o creme altera a quantidade de cabelos da usuária, a faz perder o cabelo, o que diminui o seu volume, sua dimensão, sua massa. Assim, podemos ter a metáfora CABELO É SUBSTÂNCIA, seja ela

uma massa sólida, com tamanho e dimensões passíveis de mensuração, seja líquida, que ocupa em quantidade um espaço, que pode estar/ficar cheio ou vazio. Após apresentação dos resultados alcançados com o estudo da conceptualização metafórica do cabelo, a seguir, teço as considerações finais acerca do estudo empreendido.

PARA CONCLUIR...

Devido a valores sexistas que vigoram em nossa sociedade, por consequências históricas, sociais e culturais, a preocupação com a aparência dos cabelos é uma realidade para mulheres na cultura ocidental. Essa parte orgânica do corpo humano, assim como os nossos corpos, de maneira geral, estão, de certa forma, subjugados aos padrões da sociedade, recortados pelas opressões de gênero. Se, por um lado, temos, hoje, certa diversidade nos padrões de cabelos que são reconhecidos como bonitos ou ideais, por outro, damos continuidade a recrudescidas exigências de padrões de beleza femininos.

Meu trabalho não se propôs a discutir a situação do sexismo na nossa sociedade, mas sim, aproveitar-me desse aspecto de nossas preocupações de fêmea ocidental, para apontar os conceitos do nosso imaginário que norteiam as escolhas das expressões linguísticas para definirmos nosso CABELO, lembrando que são diferentes as possibilidades e que o recorte desse estudo supôs o relato das conceptualizações inicialmente conjecturadas - CABELO É SER VIVO e CABELO É CONSTRUÇÃO, bem como outras que, porventura, aparecessem.

Através de um corpus que provêm da linguagem em uso, seguindo pressuposto da LC, escolhi blogs, porque, como aparece em Almeida (2015) “o mundo virtual acaba indo ao espaço físico” e os internautas conectados querem saber das opiniões dos outros sobre os assuntos, publicadas no ciberespaço, em forma de resenhas críticas ou depoimentos, para tomar decisões no mundo concreto. Nesse caso, pesquisar sobre produtos na internet e decidir comprá-los ou não, a partir dessas opiniões, é uma prática comum, hoje em dia, e foi através dessa procura que encontrei meu corpus de estudo.

Tratei de refletir, a partir dos comentários de usuárias da hidratação para cabelos, chamada *Morte Súbita*, sobre conceptualizações que emergiam desse corpus, buscando expressões que comprovassem a existência das metáforas conjecturadas inicialmente para este trabalho, quais seja CABELO É SER VIVO, CABELO É CONSTRUÇÃO.

Durante o estudo, foi perceptível que as metáforas são, em sua maioria, criativas, pois instanciaram projeções entre diversos domínios relacionados aos seres vivos, como PLANTA, AMANTE, SER HUMANO, PESSOA, CRIANÇA/BEBÊ, DOENTE, PACIENTE, todas essas estruturadas sobre a metáfora conceptual mais geral CABELO É SER VIVO. Outros comentários tomados como corpus, nesse estudo, confirmaram a emergência também de metáforas que compreendem o CABELO em termos de CONSTRUÇÃO, com o uso das expressões *reparação* e *quebra*, que, associadas pelo contexto à fase de tratamento capilar denominada “reconstrução”, remeteu-me à interpretação de ser o domínio da construção o motivador do uso dessas expressões. Constatei, ainda, nesse estudo, que havia também a metáfora conceptual CABELO É MINERAL, CABELO É BOMBA, CABELO É ZONA DE GUERRA e CABELO É SUBSTÂNCIA, a partir do aparecimento da expressão “derrete meu cabelo”, “cabelo detonado” e “volume do cabelo”. No primeiro exemplo, o cabelo está, de alguma forma, em um estado sólido desagradável e precisa de um agente amolecedor que o torne mais maleável, ação esperada pelo uso da hidratação; na segunda, o cabelo aparece conceptualizado como uma zona de guerra, já que está sob efeitos de explosivos, demonstrado pelo uso da expressão adjetival; finalmente, cabelo pode ser uma substância que ocupa um espaço pela quantidade e pelas suas dimensões.

Diante disso, pude confirmar a existência das metáforas idealizadas para o início desse trabalho, contudo, constatei que uma foi mais produtiva, as estruturadas sobre a metáfora conceptual CABELO É SER VIVO, pois ela se manifestou e rendeu mais exemplos do que qualquer outra, nesse contexto, e proporcionou mais conceptualizações inovadoras em que o cabelo aparece conceptualizado como tipos de seres vivos diferentes, inclusive, conceptualizados em relacionamentos com suas “donas”.

Igualmente importante é salientar o aparecimento das conceptualizações relacionadas ao creme hidratante *Morte Súbita*, que, inicialmente, representaria somente mais um critério para o recorte do corpus. Entretanto, não pude ignorar seu papel de mediador entre as relações dos cabelos e suas “donas”, agente terapêutico nos casos críticos, em que o cabelo precisava de socorro e mesmo uma “doença boa”, quando seu efeito era de desmaiar o cabelo, deixando-o aparentemente “lindo”, “brilhoso”, “seladinho”, “macio”, “top”, entre outras qualidades mencionadas pelas internautas em seus depoimentos.

Essas análises só são possíveis graças à visão de que a linguagem e todas as atividades relacionadas a ela, como falar, escrever e ler se estruturam em conhecimentos diversos, oriundos de uma mente corporificada. As experiências corpóreas, sociais e culturais vistas como conhecimentos contíguos que são acionados cotidianamente através de processos

mentais que nos fazem significar o mundo à nossa volta embasam, mesmo que inconscientemente, nossas escolhas lexicais cotidianas.

O estudo, que por ora se encerra, longe está de encerrar o significado do conceito de cabelo, que, como todos os outros conceitos associados às expressões, estarão para sempre em construções on-line, conceptualizados metaforicamente, enquanto existirem falantes e escreventes de determinada língua.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. A. DOMINGUES, O ser humano é um animal? E o que mais? Metáforas da Idade Média. ALFAL, 2014.

ALMEIDA, A. A. DOMINGUES. Oh, oh, o gigante acordou! Brasil, junho de 2013: conceptualizações e metáforas das manifestações. Revista Acta Scientiarum. Language and Culture: Maringá, v. 38, n. 2, 2016. p 139-152.

ALMEIDA, A. A. D.; SANTOS, Elisângela S. dos. O estudo do significado léxico em semântica sócio-histórico-cognitiva. Macabéa, Revista Eletrônica do Netlli. v. 8, n. 2, 2019.

BRUNA, Maria Helena V. Desmaio (síncope). Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/desmaio-sincope/>. Consultado em: 02/12/2019.

FERRARI, L. Introdução à Linguística Cognitiva. São Paulo: Contexto, 2011.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

IBARRETXE-ANTUÑANO, Iraide; VALENZUELA, Javier; HILFERTY, Joseph. La Semántica Cognitiva. In: I. Ibarretxe-Antuñano & J. Valenzuela (Ed.). Lingüística Cognitiva. Barcelona : Anthropos, 2012.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. Metáforas da vida cotidiana. Campinas, SP: Mercado de Letras: Educ., 2002.

LENZ, Paula. Semântica Cognitiva in Semântica, semânticas: uma introdução. Org. Celso Ferrarezi Junior e Renato Basso – São Paulo: Contexto, 2013, p. 31 – 55.

SANTOS, Elisângela S. dos. O estudo do significado sob a perspectiva da Linguística/Semântica Cognitiva. Pontos de Interrogação: Revista de Crítica Cultural do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia. — N. 1 (2011)-.— Alagoinhas: Fábrica de Letras/UNEB, 2011-.v. ; il., 29,7 cm. Semestral.

SORIANO, Cristina Salinas. La metáfora conceptual. In: I. Ibarretxe-Antuñano & J. Valenzuela (Ed.). Lingüística Cognitiva. Barcelona : Anthropos, 2012.